

# CONCEDO-TE UM CORAÇÃO SÁBIO E INTELIGENTE

A DIMENSÃO INTELECTUAL DA FORMAÇÃO SACERDOTAL

Francisco Insa (coordenador)

*Prólogo do Cardeal Beniamino Stella*



[cultor]  
de LIVROS

CONCEDO-TE  
UM CORAÇÃO  
SÁBIO  
E INTELIGENTE



FRANCISCO INSA (COORD.)

CONCEDO-TE  
UM CORAÇÃO  
SÁBIO  
E INTELIGENTE

A DIMENSÃO INTELECTUAL DA FORMAÇÃO SACERDOTAL

Tradução de Gabriel de Vitto Fernandes

[cultor]  
de LIVROS

São Paulo, 2021

© Francisco Javier Insa Gómez, 2021

**Tradução**

Gabriel de Vitto Fernandes

**Revisão**

Maurício Dominguez Perez

Maria Eduarda Kramberger

**Capa**

Liliana M. Agostinelli

**Diagramação**

Cecília Hulshof Minowa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Insa, Francisco (org.)

Concedo-te um coração sábio e inteligente:  
a dimensão intelectual da formação sacerdotal /  
Francisco Insa (coord.). São Paulo: Cultor de Li-  
vros, 2021

ISBN: 978-85-5638-238-2

1. Cristianismo 2. Vida cristã 3. Formação 4.  
Sacerdócio I. Francisco Insa II. Título

CDD-248.894 2

**Índice para catálogo sistemático:**

1 Vida cristã : Sacerdotes 248.894 2

**Todos os direitos dessa edição estão reservados a:**

Cultor de Livros - Editora

Av. Prof. Alfonso Bovero, 257 - Sumaré

CEP 01254-000 - São Paulo/SP

Tel. (11) 3873-5266

[www.cultordelivros.com.br](http://www.cultordelivros.com.br)

# Sumário

Prólogo: A formação intelectual à serviço da  
nova evangelização..... 13

*S.Em.R. Beniamino Stella*

1. Uma nova visão a partir da *Ratio fundamentalis*..... 13
2. O imprescindível diálogo entre fé e cultura ..... 16
3. A formação intelectual a serviço da evangelização ..... 18
4. Conclusão ..... 23

Apresentação: Amarás a Deus com toda a tua mente..... 25

*Francisco Javier Insa Gómez*

1. Um coração sábio e inteligente..... 25
2. Uma mente de acordo com a mente de Deus ..... 26
3. A formação intelectual ..... 26
4. Uma piedade fundada nas verdades cristãs ..... 28
5. À serviço da evangelização..... 29
6. A dimensão intelectual da formação sacerdotal..... 30
7. Apaixonar-se por Deus também com a cabeça..... 32
8. O conteúdo do livro..... 33
  - a) *Alcançar a maturidade humana e espiritual*..... 34

b) Os conteúdos da formação.....	35
c) Educar evangelizadores.....	36

## PARTE I

### ALCANÇAR A MATURIDADE INTELECTUAL E ESPIRITUAL

Capítulo I: Caminhos de integração entre o saber e o sentir no seminário .....	41
--	----

*Miguel de Salis*

1. Introdução .....	41
2. A dimensão intelectual da maturidade .....	43
2.1. <i>Um retrato da maturidade</i> .....	43
2.2. <i>Qualidades fundamentais da dimensão intelectual da maturidade</i> .....	45
3. Alguns elementos comuns aos diferentes caminhos....	48
3.1. <i>Um olhar à atualidade</i> .....	48
3.2. <i>“It takes a village to raise a child”:</i> <i>seminário e escola</i> .....	51
3.3. <i>Gradualidade e flexibilidade</i> .....	52
3.4. <i>Educação através do ambiente e da responsabilidade pessoal</i> .....	53
4. Itinerários de integração entre “saber” e “sentir” .....	54
4.1. <i>Primeiro itinerário: aprender a receber objetivamente a realidade</i> .....	54
4.2. <i>Segundo itinerário: desenvolver a criatividade e o próprio modo de ver o mundo</i> .....	60
4.3. <i>Terceiro itinerário: desenvolver a capacidade de avaliar criticamente a realidade</i> .....	68

4.4. <i>Quarto itinerário: viver a prova do limite</i> .....	73
5. Conclusão .....	78
6. Bibliografia sugerida .....	79
a) <i>Magistério</i> .....	79
b) <i>Outras obras</i> .....	80

Capítulo II: A integração da formação intelectual com a vida espiritual do candidato ao sacerdócio..... 83

*Paul O’Callaghan*

1. Interdependência das quatro dimensões da formação sacerdotal.....	83
2. Chegar aos “registros” na formação .....	85
3. Sentimento e sentimentalismo .....	88
4. Ajudar a partir da direção espiritual .....	88
a) <i>O estudo da teologia</i> .....	89
b) <i>Sinceridade e docilidade</i> .....	89
c) <i>Experiência</i> .....	91
5. Na perspectiva do futuro sacerdote.....	92

Capítulo III: Verdade e Liberdade:

“A verdade vos fará livres” (Jo 8,32)..... 93

*Mariano Fazio*

1. A verdade, condição para uma autêntica liberdade.....	93
2. A verdade no contexto contemporâneo .....	94
3. A verdade na formação sacerdotal.....	95
a) <i>A verdade sobre si mesmo</i> .....	96
b) <i>A verdade sobre os outros</i> .....	97
c) <i>A verdade sobre o mundo</i> .....	97



d) <i>Um olhar cheio de esperança</i> .....	98
e) <i>Desafios atuais para a consciência cristã</i> .....	100
4. Formar pessoas livres.....	101
a) <i>Importância da liberdade na formação sacerdotal</i> .....	101
b) <i>Dimensões da liberdade</i> .....	102
c) <i>Os falsos antagonismos da liberdade</i> .....	104
d) <i>A liberdade interior</i> .....	106

## PARTE II

### OS CONTEÚDOS DA FORMAÇÃO

Capítulo IV: O estudo da filosofia e sua integração com a etapa do discipulado.....	111
---	-----

*Luis Romera*

1. Introdução .....	111
2. Identidade do discipulado .....	113
3. Dimensões do discipulado .....	116
4. Por que temos que “ir a alguém”?.....	120
5. O sentido da formação filosófica.....	125

Capítulo V: Os estudos teológicos e sua harmonização com a configuração com Cristo Bom Pastor .....	131
---	-----

*Philippe Curbelié*

1. Introdução .....	131
2. À frente, para guiar a comunidade .....	134
3. No meio, para alentá-la e sustentá-la.....	140
4. Atrás, para mantê-la unida .....	146
5. Conclusão .....	151

Capítulo VI: A formação cultural dos seminaristas. Rumo  
a uma síntese dinâmica de evangelização da cultura..... 153

*Florian Erlenmeyer*

1. Introdução ..... 153
2. Cultura? Que cultura? ..... 154
  - a) *Uma primeira aproximação ao conceito de cultura...* 154
  - b) *Alguns traços característicos da cultura atual*..... 155
    - I) *A multiplicidade de culturas e a crescente complexidade...*155
    - II) *Antropoceno e era digital*..... 156
    - III) *Os modelos narrativos atuais*..... 157
    - IV) *Consequências para a identidade* ..... 158
  - c) *O discernimento dessas mudanças*..... 159
3. Uma tentativa de síntese e de integração dinâmica  
histórico-salvífica..... 161
  - a) *A própria experiência e a própria história como  
pontos de partida*..... 161
  - b) *A única base possível para uma verdadeira cultura:  
ser amado na história* ..... 162
  - c) *A estrutura da nova Ratio fundamentalis como  
itinerário de crescimento cristão*..... 164
  - d) *“Evangelizar a cabeça”: formar uma mentalidade  
através de uma diaconia intelectual* ..... 165
4. Algumas propostas concretas ..... 165
  - a) *Haggadah! ou Narrant ergo sum*..... 165
  - b) *A família e as pequenas comunidades como  
“seminário” (lugar onde semear e crescer) de  
relações pessoais autênticas*..... 167
  - c) *Contra o automatismo*..... 168
  - d) *Desintoxicação digital e minimalismo digital*..... 169

<i>e) Evangelizar os meios de comunicação: “falemos” ...</i>	170
<i>f) Padrinhos de leitura e apostolado do livro.....</i>	171
<i>g) Cursos Alfa como início de um aprofundamento.....</i>	172
<i>h) Reisen bildet (as viagens formam).....</i>	173
<i>i) Só a beleza salvará o mundo: tudo o que é verdadeiramente belo é “nosso e cristão”.....</i>	173

Capítulo VII: Estudo no seminário e a formação permanente.....	175
---	-----

*Vito Reale*

1. Introdução .....	175
2. O papel dos formadores .....	176
3. Áreas e modos de desempenhar o papel de formador ...	181
<i>a) Como equipe de formadores.....</i>	181
<i>I) Ajudar a ter um plano de estudo.....</i>	181
<i>II) Defender o tempo de estudo da tarde.....</i>	182
<i>III) Facilitar espaços adequados para o estudo.....</i>	182
<i>IV) A função do diretor de estudos .....</i>	183
<i>V) Reuniões periódicas com os professores.....</i>	184
<i>VI) Ter em conta as notas.....</i>	185
<i>VII) Os encontros de formação coletivos.....</i>	185
<i>VIII) Fomentar uma visão ampla e coerente da vida.....</i>	186
<i>IX) Cursos de metodologia de estudo.....</i>	186
<i>b) Como formador no relacionamento pessoal.....</i>	187
<i>I) Abordar o estudo nas entrevistas de formação pessoal ....</i>	187
<i>II) Orientar o estudo para que se integre na unidade de vida... </i>	188
<i>III) Educar no pensamento de Cristo.....</i>	190
4. A formação permanente no que diz respeito à dimensão intelectual .....	191
5. Sugestões bibliográficas .....	192

Capítulo VIII: Educar e formar hoje: aspectos pedagógicos.....	195
---	-----

*Marisa Musaio*

1. Uma nova e imperiosa necessidade de educar.....	195
2. Uma perspectiva do ser humano.....	199
3. O reconhecimento da pessoa como educável.....	203
4. O conceito de educabilidade.....	206
5. A ação educativa.....	209
6. O relacionamento educativo .....	212
7. Para não concluir .....	216

### PARTE III

#### EDUCAR EVANGELIZADORES

Capítulo IX: Mestres de coração sábio e prudente.....	221
---	-----

*S.E.R. Mons. Stefano Manetti*

1. O papel formativo dos docentes.....	221
2. Comunicar a própria alma.....	222
3. Ensinar a verdade sobre o homem.....	223
4. A necessidade da figura do pai .....	225
5. O ensino como <i>kénosis</i> .....	227
6. Um coração dócil .....	228

Capítulo X: Comunicar a fé no século XXI .....	231
--	-----

*Lucio Adrián Ruiz*

1. A Igreja e a cultura .....	231
2. Nossa cultura digital .....	233
a) <i>Caracterizada pela tecnologia</i> .....	233

<i>b) Globalizada e globalizante.....</i>	237
I) <i>Algumas realidades que caracterizam esta cultura .....</i>	237
II) <i>Algumas realidades que dão forma a esta cultura.....</i>	238
III) <i>Algumas consequências desta cultura .....</i>	240
<i>c) Que deixa sua marca no homem.....</i>	242
3. <i>A Igreja na cultura digital.....</i>	244
4. <i>Chaves para comunicar a fé no século XXI.....</i>	247
<i>a) Reforçar o “ver e ouvir” (cf. At 4,20).....</i>	247
<i>b) Educar a pessoa na liberdade.....</i>	248
<i>c) Presença, tempo e narrativa (transmissão).....</i>	250
<i>d) Educar o silêncio .....</i>	252
5. <i>Conclusão .....</i>	253

# PRÓLOGO

## A formação intelectual à serviço da nova evangelização

*S.Em.R. Beniamino Stella<sup>1</sup>*

### *1. Uma nova visão a partir da Ratio fundamentalis*

A reflexão sobre a dimensão intelectual da formação dos seminaristas requer que comecemos assinalando certos esquemas ou preconceitos que se arraigaram com o tempo e nos impedem de captar seu verdadeiro significado. Por isso, antes de entrar no tema que pretendemos desenvolver, parece-me oportuno — se me é permitido — fazer brevemente esta pequena desconstrução baseando-me na proposta geral que oferece a *Ratio fundamentalis*, promulgada pela Congregação para o Clero, em 8 de dezembro de 2016.

Em primeiro lugar, a *Ratio* afirma que a formação dos seminaristas está chamada a concatenar, de modo integral e simultâneo, quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral<sup>2</sup>.

---

1 Prefeito da Congregação para o Clero.

2 Cf. Congregação para o Clero, *O dom da vocação presbiteral*. Ratio Fundamentalism Institutionis Sacerdotalis, 8 de dezembro de 2016, Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano 2016, nº 89.

De fato, os seminaristas estão chamados a ser pastores com o coração de Cristo, humanamente serenos nas esferas da afetividade, da psique, da sexualidade e dos relacionamentos, mas, também, devem estar solidamente fundados na vida espiritual, preparados nas ciências sagradas e generosamente dedicados ao serviço pastoral.

Este conceito de formação integral “reveste a máxima importância, enquanto é a mesma pessoa na sua totalidade, com tudo o que é e com tudo o que possui, a estar a serviço do Senhor e da comunidade cristã. Aquele que é chamado é um ‘sujeito integral’, ou seja, um indivíduo previamente escolhido para alcançar uma sólida interioridade, sem cisões ou dicotomias”<sup>3</sup>.

Este primeiro elemento serve para ajudar os formadores e todo o seu trabalho educativo para que superem a antiga convicção com que iniciamos, a qual, infelizmente, foi em alguns casos a característica dominante no processo formativo. Também em nossos dias ainda ameaça gerar um perigoso automatismo que poderíamos sintetizar deste modo: bastaria realizar os estudos acadêmicos de maneira satisfatória e ser aprovado nos exames previstos com bons resultados, para ser considerado idôneo para as Ordens Sagradas.

Pelo contrário, a *Ratio* afirma que “por um lado, é necessário não descuidar a sólida e adequada qualidade da formação intelectual; por outro, deve-se recordar que o cumprimento das obrigações relativas ao estudo não pode ser o único critério para determinar a duração do processo formativo do candidato ao sacerdócio, pelo fato de que o estudo, mesmo sendo importante, e não sendo sequer secundário, representa, ainda assim, um aspecto somente da formação integral para o presbiterado”<sup>4</sup>.

Uma segunda consideração está relacionada com o risco de interpretar de maneira reducionista a formação intelectual,

---

3 Ibid., nº 92.

4 Ibid., nº 118.

fazendo-a coincidir simplesmente com o itinerário acadêmico dos estudos filosóficos e teológicos. É verdade que o aprofundamento nestas disciplinas previstas pelo ciclo de estudos dos seminários oferece a principal contribuição ao crescimento de sua bagagem doutrinal e cultural, e, portanto, contribui muito para a sua maturidade integral. No entanto, a *Ratio* quer deixar claro que o conjunto de matérias bíblicas, teológicas e filosóficas previstas no ciclo de estudos se encontra “dentro do domínio mais amplo da sua formação intelectual”<sup>5</sup>.

Isso significa que a formação intelectual vai além daquela meramente acadêmica — apesar desta última ser sua coluna vertebral — e se preocupa de proporcionar as ferramentas necessárias para gerar uma cultura geral básica que fará do futuro sacerdote alguém capaz de interagir com o mundo e com a cultura onde estará chamado a anunciar o Evangelho.

Vale a pena deter-nos neste aspecto porque nos permite enquadrar o tema deste livro. Na verdade, afirmar que a formação intelectual não se reduz ao simples itinerário acadêmico de estudo significa deixar claro que o objetivo último da preparação de um presbítero não é a soma de conhecimentos e informações técnicas de tipo teológico ou filosófico, mas o serviço eficaz à caridade pastoral que se espera deles e que sintetiza todas as dimensões da formação.

A esse respeito, a *Ratio fundamentalis* afirma que a sólida preparação exigida dos seminaristas através do estudo das disciplinas acadêmicas, junto com uma preparação cultural ampla, tem por objetivo permitir-lhes “anunciar, de modo credível e compreensível aos homens de hoje, a mensagem evangélica, estabelecer um diálogo profícuo com o mundo contemporâneo, e sustentar, com o lume da razão, a verdade da fé, mostrando a sua beleza”<sup>6</sup>.

---

5 Ibid., Introdução, nº 3.

6 Ibid., nº 116.



## 2. *O imprescindível diálogo entre fé e cultura*

Chegamos, assim, a um ponto fundamental — também do ponto de vista teológico — da vida do presbítero e do exercício do seu ministério. A ordenação converte o sacerdote em um homem de Deus e, ao mesmo tempo, em um apóstolo do Evangelho no meio do Povo de Deus. Isto é, está chamado a anunciar e a ser testemunha do Reino de Deus, não somente por meio da pregação, mas, também, através das diferentes linguagens humanas e dos relacionamentos interpessoais. Tais relacionamentos devem ser caracterizados pela caridade, por um estilo pastoral de proximidade e misericórdia e, de modo geral, pelo desejo de guiar a comunidade cristã para Deus.

Falando aos participantes de um Congresso sobre a *Ratio fundamentalis* promovido pela Congregação para o Clero, o Papa Francisco disse que “o sacerdote deve estar entre Jesus e o povo: com o Senhor, no Monte, ele renova todos os dias a memória da chamada; com as pessoas, no vale, sem nunca se assustar com os riscos e sem se endurecer nos juízos, oferece-se como pão que alimenta e a água que sacia a sede, ‘passando e fazendo o bem’ àqueles que encontrar pelo caminho e oferecendo-lhes a unção do Evangelho”<sup>7</sup>.

Precisamente devido a esta chamada específica, o presbítero está convidado a aprofundar nas ciências filosóficas e teológicas. A ordenação o converte em um sinal da misericórdia de Deus, revelada em Cristo Bom Pastor. Ao proclamar a Palavra, traz água para saciar a sede do Povo de Deus e abrir-lhe o caminho para o encontro com o Senhor. Acompanha-o no aprofundamento na doutrina e nos ensinamentos da Igreja, para sustentá-lo no caminho da fé e fazê-lo estável na verdade. Através do conhecimento cultural e da capacidade de entrar em diálogo, o

---

7 Francisco, *Aos participantes no Congresso Internacional promovido pela Congregação para o Clero sobre a Ratio fundamentalis*, 7 de outubro de 2017.

presbítero se converte em um sinal da escuta de Deus e da sua paciente solicitude pelas fadigas e perguntas humanas, essas que surgem do coração dos que creem, mas também essas que, às vezes, fazem os indiferentes ou aqueles que estão marcados por feridas que lhes queimam e lhes impedem de abraçar a esperança do Evangelho.

Ao mesmo tempo, o Pastor se põe à escuta da cultura de sua época e da sociedade na qual vive, onde os fiéis que lhe foram confiados vivem sua própria vocação laical. Esta atitude permite-lhe captar os sinais da verdade cristã, as aspirações mais profundas e os desejos de justiça e de paz que se revelam nessa sociedade. Não podemos esquecer que o anúncio do Evangelho correria o risco de permanecer abstrato ou de escorregar para o intimismo se não estivesse estreitamente vinculado com a cultura e a vida real dos que estão chamados a recebê-lo: fé e humanidade estão estreitamente ligadas.

Se entendemos por cultura — como faz a *Evangelii gaudium* — o estilo de vida que uma determinada sociedade tem, sua maneira de entender a realidade, o modo que seus membros têm de se relacionarem entre si, devemos, ao mesmo tempo, afirmar que o anúncio do Evangelho, para arraigar-se concretamente na vida real, não pode deixar de se referir a este âmbito. Pelo contrário, “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe”<sup>8</sup>, de modo que “o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar”<sup>9</sup>.

Ao mesmo tempo, não podemos nos esquecer que o anúncio do Evangelho só é possível através da mediação da ampla

---

8 Idem, exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n° 115.

9 Ibid., n° 116.

gama de linguagens humanas e, portanto, não pode prescindir de entrar em contato e conhecer profundamente o ambiente cultural e social ao qual está destinado, suas visões, seus símbolos e suas formas de se comunicar.

Precisamente por este motivo, a formação intelectual e acadêmica que aporta competências específicas a nível bíblico, teológico ou canônico, não é um fim em si mesma, mas deve estar a serviço da evangelização, que é tarefa essencial da Igreja e a qual os ministros de Deus estão chamados, particularmente, por conta da sua vocação específica. Evangelizar — afirma o Papa Francisco na *Evangelii gaudium* — “é tornar o Reino de Deus presente no mundo”<sup>10</sup>. Isto significa iniciar um processo de inculturação do Evangelho no qual a fé cristã se põe à escuta atenta do mundo e da cultura na qual se encarna, tratando de inquirir os inumeráveis sinais da revelação de Deus que surgem dela e, ao mesmo tempo, influir na transformação da sociedade para que se converta em um lugar de fraternidade, de justiça e de amor, em um fermento de Deus no mundo.

### 3. *A formação intelectual a serviço da evangelização*

Esse entrelaçamento entre fé e cultura está radicado na verdade cristã da Encarnação. Não é por acaso que este é ponto de partida da Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, que afirma que “a alegria da verdade é expressão do desejo ardente que traz inquieto o coração de cada ser humano enquanto não encontra, habita e partilha com todos a Luz de Deus. Efetivamente a verdade não é uma ideia abstrata, mas é Jesus, o Verbo de Deus, em quem está a Vida que é a Luz dos homens (cf. *Jô* 1,4), o Filho de Deus que é, ao mesmo tempo, o Filho do homem”.<sup>11</sup>

---

10 Ibid., nº 176.

11 Idem, Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, 8 de dezembro de 2017, nº 1.

A Constituição Apostólica foi promulgada precisamente com a finalidade de reunir, por um lado, o rico patrimônio de reflexões e orientações em matéria de estudos teológicos que convergiram especialmente no Concílio Vaticano II. Mas, por outro lado, quer suscitar uma renovação das disciplinas eclesiais em vistas da transformação missionária de uma “Igreja em saída”<sup>12</sup>.

De fato, hoje é especialmente evidente a necessidade de que todo o Povo de Deus se converta em protagonista de uma nova evangelização e isto exige, afirma o Papa Francisco, um adequado processo de reforma dos estudos eclesiais, que “não são chamados apenas a oferecer lugares e percursos de formação qualificada dos presbíteros, das pessoas de vida consagrada e dos leigos comprometidos, mas constituem também uma espécie de laboratório cultural providencial onde a Igreja se exercita na interpretação performativa da realidade que brota do evento de Jesus Cristo e se nutre dos dons da Sabedoria e da Ciência, com que o Espírito Santo enriquece de várias formas o Povo de Deus”<sup>13</sup>.

Diante das grandes mudanças culturais e sociais que definem a chegada de uma verdadeira mudança de época, a formação acadêmica e a investigação científica cristã estão chamadas de maneira especial à importante tarefa de “prestar a decisiva contribuição de fermento, sal e luz do Evangelho de Jesus Cristo e da Tradição viva da Igreja”<sup>14</sup> aos novos cenários globais, antropológicos e culturais. De fato, escreve o Papa Francisco, especialmente hoje em dia “é necessária uma verdadeira hermenêutica evangélica para compreender melhor a vida, o mundo, os homens [...]. A filosofia e a teologia permitem adquirir as convicções que consolidam e fortalecem o intelecto e iluminam a vontade... mas tudo isto só será fecundo, se for feito com a mente aberta e de joelhos. O teólogo que se compraz com o seu pensamento com-

---

12 Ibid., nº 3.

13 Ibid.

14 Ibid.

pleto e concluído é um medíocre. O bom teólogo e filósofo mantém um pensamento aberto, ou seja, incompleto, sempre aberto ao *maius* de Deus e da verdade, sempre em desenvolvimento”<sup>15</sup>.

A Constituição Apostólica esboça alguns critérios básicos para uma renovação dos estudos eclesiais visando uma “Igreja em saída” e missionária: o *primeiro* é o critério prioritário e permanente, e consiste em uma contemplação e compreensão mais profundas do *kerygma*, isto é, da sempre nova e fascinante boa nova do Evangelho de Jesus. O *segundo* critério inspirador é o diálogo, porque “o Evangelho e a doutrina da Igreja estão atualmente chamados a promover, em generosa e franca sinergia com todas as instâncias positivas que fazem crescer a consciência humana universal, uma cultura — podemos afirmar — do encontro entre todas as culturas autênticas e vitais, graças a um intercâmbio recíproco dos respectivos dons no espaço de luz desvendado pelo amor de Deus para todas as suas criaturas”<sup>16</sup>.

Esse compromisso requer um *terceiro* passo, que consiste na inter e transdisciplinaridade, com a finalidade de oferecer uma diversidade de saberes que corresponda à riqueza multiforme da realidade na unidade do conhecimento e à luz da Revelação. Por último, o *quarto* critério é a necessidade de “criar redes” entre as distintas instituições que cultivam e promovem os estudos eclesiais, assim como entre estas e as instituições acadêmicas seculares, de modo que possam aprofundar nos problemas que afetam a humanidade atualmente.

Pois bem, estes critérios exigem uma valente renovação das disciplinas eclesiais, uma autêntica revisão dos seus conteúdos, métodos e objetivos, com o objetivo de modificar profundamente sua intencionalidade específica. Esses estudos não só estão destinados a proporcionar uma formação pessoal aos sacerdotes e aos cristãos em geral, nem tampouco a dissecar científica-

---

15 Ibid.

16 Ibid., nº 4b.

mente os dados da Revelação Divina; precisam, pelo contrário, servir a “uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais”<sup>17</sup>.

O Papa Francisco afirma que “não há dúvida que a teologia deve estar enraizada e fundada na Sagrada Escritura e na Tradição viva, mas, por isso mesmo, deve simultaneamente acompanhar os processos culturais e sociais, particularmente as transições difíceis”<sup>18</sup>. Por este motivo “os estudos eclesiais não se podem limitar a transferir conhecimentos, competências, experiências para os homens e mulheres do nosso tempo, desejosos de crescer na sua consciência cristã, mas devem abraçar a tarefa urgente de elaborar ferramentas intelectuais que possam ser propostas como paradigmas de ação e pensamento, úteis para o anúncio em um mundo marcado pelo pluralismo ético-religioso”<sup>19</sup>.

Certamente, encontramos-nos diante de um grande desafio cultural, espiritual e educativo que também envolve as universidades e instituições culturais cristãs, com a finalidade de que os estudos filosóficos, a teologia, a exegese bíblica e as disciplinas canônicas, ofereçam ferramentas válidas aos sacerdotes e leigos chamados a realizar uma missão evangelizadora na sociedade contemporânea, ajudando-os a se converterem em especialistas em captar as interrogações, as batalhas, os sonhos, as lutas e as preocupações da humanidade e, ao mesmo tempo, suscitar novas visões e atuações capazes de transformar o mundo.

Da sua parte, a *Ratio fundamentalis* abriu caminho para uma reformulação dessa formação intelectual dos sacerdotes orientada à evangelização e à caridade pastoral. O documento da Congrega-

---

17 Ibid.

18 Ibid., nº 4d.

19 Ibid., nº 5.



ção para o Clero esclarece a finalidade da dimensão intelectual ao afirmar que “destina-se a levar os seminaristas a atingirem uma sólida competência no âmbito filosófico e teológico, mas também uma preparação cultural de caráter geral, de tal maneira que lhes permita anunciar, de modo credível e compreensível aos homens de hoje, a mensagem evangélica, estabelecer um diálogo profícuo com o mundo contemporâneo, e sustentar, com o lume da razão, a verdade da fé mostrando a sua beleza”<sup>20</sup>.

O critério básico e o objetivo último, portanto, são o serviço ao anúncio da Palavra e à ação pastoral do sacerdote. De fato, continua a *Ratio* ao falar da formação intelectual, “longe de ser relegada somente para o campo do conhecimento ou de ser entendida apenas como instrumento para receber mais informações sobre cada uma das diferentes disciplinas, a formação intelectual acompanha os presbíteros a fim de que os mesmos se disponham a escutar com profundidade a Palavra, mas também a própria comunidade eclesial, para assim aprenderem a perscrutar os sinais dos tempos”<sup>21</sup>.

Com essa finalidade, o documento também prevê que, além do tradicional e indispensável plano de estudo necessário para o acesso às Ordens Sagradas, se possa cursar algumas matérias denominadas “ministeriais”. Trata-se de disciplinas cujo conhecimento se relaciona ainda mais especificamente com as necessidades do futuro ministério pastoral: o *ars celebrandi*, a homilética, o que se refere à preparação, aos métodos e ao conteúdo do anúncio, um conhecimento profundo das expressões culturais da fé, tais como a piedade popular, uma formação cuidadosa na administração dos bens, a atenção ao tema das comunicações sociais etc<sup>22</sup>.

---

20 Congregação para o Clero, *O dom da vocação presbiteral*, nº 116.

21 Ibid., nº 117.

22 Cf. Ibid., nº 171-184.

#### 4. Conclusão

Trata-se de fazer tudo o que for possível para que o seminário e os respectivos espaços acadêmicos proporcionem aos futuros sacerdotes uma substancial preparação filosófica, teológica e canônica que lhes ajude em seu ministério a “dar as razões da sua esperança” (1Pd 3,15), a dar a conhecer a Revelação de Deus e a entrarem em diálogo com a cultura atual e seus múltiplos aspectos, com o objetivo de “criar as disposições para que o Evangelho seja ouvido por todos”<sup>23</sup>.

Para alcançar esse objetivo, afirma o Papa Francisco em *Evangelii gaudium*, é necessário que as universidades sejam âmbitos privilegiados para pensar e desenvolver o esforço evangelizador da cultura, e que os teólogos “tenham no coração a finalidade evangelizadora da Igreja e da própria teologia e não se contentem com uma teologia de gabinete”<sup>24</sup>.

Penso que esse compromisso será acolhido com paixão e dedicação em todos os ambientes acadêmicos e universitários, de modo que os que ali se formem sejam sustentados no seu caminho e se convertam em Pastores segundo o coração de Cristo.

---

23 Francisco, *Evangelii gaudium*, n° 132.

24 *Ibid.*, n° 133.





# APRESENTAÇÃO

## Amarás a Deus com toda a tua mente

*Francisco Javier Insa Gómez<sup>25</sup>*

### *1. Um coração sábio e inteligente*

Depois de consolidar-se no trono de Israel, Salomão subiu à cidade de Gibeão, onde ofereceu a Yahweh “mil sacrifícios”. Como sinal de aceitação, Deus apareceu a ele em sonho e lhe disse: “pede o que quiseres que eu te darei”. O rei respondeu solicitando um coração dócil para julgar ao seu povo e para saber discernir entre o bem e o mal. Esta magnânima petição foi premiada por Deus, que lhe concedeu “um coração sábio e inteligente”, além das riquezas e glórias que Salomão havia considerado secundárias (cf. *1Rs 3,2-15*).

O diálogo de Salomão com Yahweh estabelece uma relação entre inteligência e coração, entre mente e afetos, que pode servir de marco para comentar a dimensão intelectual da formação sacerdotal.

---

<sup>25</sup> Professor encarregado de Bioética e secretário do Centro de Formação Sacerdotal da Pontifícia Universidade da Santa Cruz (Roma).

## 2. *Uma mente de acordo com a mente de Deus*

“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e com toda a tua mente; e a teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27; cf. Mt 22,37-39; Mc 12,30-31). A enunciação do *primeiro mandamento* nos evangelhos sinóticos tem uma importante particularidade no que diz respeito à formulação original no Pentateuco (cf. Dt 6,5): os evangelistas acrescentam que se deve amar a Deus *com toda a tua mente* (*dianoia*). É provável que, ao se dirigirem também aos cristãos de origem gentia, viram a necessidade de fazer referência a algo tão valorizado no mundo helênico quanto a mente, a razão, o *nous*. Mas, podemos nos perguntar, o que significa amar a Deus com a mente, e mais, com *toda* a mente? Certamente não se refere a estar o tempo todo pensando nele ou a dirigir-lhe continuamente orações. Todos precisamos realizar tarefas muitas vezes ao dia que exigem toda a nossa atenção, toda nossa mente: o estudo, a leitura, uma conversa etc.

Podemos pensar que se trata, antes, de uma atitude habitual, uma *forma mentis*, um modo de ver, entender e julgar a realidade (o mundo, os outros e a si mesmo) de acordo com a mente de Deus. Isso tem muito a ver com alguns dons do Espírito Santo (ciência, entendimento, sabedoria), que nos permitem conhecer e tratar a Deus com a profundidade com que se conhecem e se tratam as três Pessoas Divinas e olhar para as criaturas como Ele as olha. Esta é a fonte da verdadeira sabedoria: *initium sapientiae timor Domini*, “o temor do Senhor é o começo da sabedoria” (Sl 111,10). Mas não se trata só de pedir os dons e esperar sentado...

## 3. *A formação intelectual*

A graça de Deus conta com a correspondência humana para dar todo o seu fruto. O homem pode ir pouco a pouco modelando seu modo de pensar, tornando-o mais conforme à mente divina.

Trata-se de um modo concreto de viver a identificação com Cristo, que leva a ter uma espécie de instinto (um “instinto adquirido”) para se relacionar com o mundo. São Josemaria o chamava de *mentalidade católica* e a definia assim: conhecimento da doutrina, diálogo com o pensamento e a ciência contemporâneos com afã de mostrar sua compatibilidade com a mensagem de Cristo e “uma atitude positiva e aberta ante a transformação atual das estruturas sociais e das formas de vida”<sup>26</sup>.

Um primeiro passo é, portanto, o conhecimento da doutrina cristã, o *fides quaerens intellectum* (a fé procura entender) que propunha Santo Anselmo de Canterbury<sup>27</sup>. O desenvolvimento da vida de fé reclama o aprofundamento racional nas verdades cridas, saber o que cremos e, dentro das limitações da nossa inteligência, entrar até onde for possível no conteúdo da nossa fé. É uma experiência comum que quando algo nos interessa verdadeiramente (uma pessoa, uma ideia, uma obra de arte, uma história, uma ciência) buscamos saber *tudo* o que conseguimos sobre o assunto, dedicando tempo e energia para consegui-lo.

Se descobri que Deus é a coisa mais importante da minha vida, que dá sentido para a minha existência, que me ama e me convida a ter uma relação de tu a Tu com Ele, é lógico que eu queira conhecer tudo o que me seja possível sobre Ele. Como dois namorados que se perguntam pela sua família, seus interesses, seus gostos, seu passado. Mas aqui encontramos uma peculiaridade: conhecer a Deus muda a minha vida e o meu modo de ver a realidade. Saber, por exemplo, que Deus é Pai Criador e providente leva o cristão, necessariamente, a uma atitude esperançosa e otimista perante as dificuldades que possa encontrar na sua vida. Mais adiante, voltaremos a essa ideia.

---

26 São Josemaria Escrivá de Balaguer, *Sulco*, Quadrante, São Paulo 2016, n° 428.

27 Santo Anselmo de Canterbury, *Proslogion*. De fato, o título completo da obra é *Proslogion seu fides quaerens intellectum*.

O modo de concretizar esse conhecimento dependerá das circunstâncias de cada pessoa, mas há um que está ao alcance de todos, independentemente do seu estado, cultura e formação: a leitura meditada do *Catecismo da Igreja Católica*, que contém, de modo acessível, as verdades teológicas mais básicas.

A dimensão intelectual não se esgota em *saber coisas sobre Deus*. Conseguir uma *forma mentis* concorde com a mente divina implica conhecer o mundo e o homem em toda a sua riqueza e profundidade, também do ponto de vista humano. Por isso a Igreja sempre fomentou e incluiu dentro dos seus ciclos institucionais os estudos filosóficos que possibilitam entender as verdades sobre o homem e o seu fim último.

A bagagem cultural supõe também uma grande ajuda para adquirir a sensibilidade necessária para interagir com pessoas das mais diversas condições e ser sensíveis a toda sua riqueza e complexidade. Ganha especial interesse aqui o conhecimento dos clássicos da literatura, tanto local como universal, assim como o cultivo das outras artes clássicas (música, arquitetura, pintura, escultura...) incluindo o cinema, bem chamado de sétima arte.

Essa *forma mentis* à imagem da divina se traduz em um modo de sentir como Cristo, como recomendava São Paulo aos filipenses (cf. *Fl 2,5*). Para quem tiver assimilado verdadeiramente essa formação, gostará do que agrada ao Senhor e lhe desagradará o que desagradava a Ele... também quando pareça atraente.

#### 4. *Uma piedade fundada nas verdades cristãs*

Uma das provas de que a formação doutrinal penetrou na própria vida — isto é, que não é um mero conhecimento teórico — é o seu reflexo na vida de piedade. Com efeito, a vida espiritual do cristão se alimenta da sua bagagem doutrinal.

O mistério da Santíssima Trindade, por exemplo, tem consequências imediatas na nossa oração, talvez mais do que perce-

bamos. O fato de que Deus seja Trino traz novas cores à minha forma de rezar: posso recorrer a Ele como a um Pai que cuida de mim, como a um Modelo que quero imitar e que me indica o caminho, como aquele que me dá as forças de que preciso para perseverar nos meus desejos de santidade. Principalmente, considerar o amor de um Deus Criador, Redentor e Santificador — não pelo homem em geral, mas *por mim* — desperta o desejo de me comportar como um bom cristão. Como cantamos no hino *Adeste fideles*, “*sic nos amantem, quis non redamaret*”, como não corresponder a quem nos amou tanto?

Do mesmo modo, o aprofundamento doutrinal nos mistérios da vida de Jesus Cristo ajuda a tirar mais proveito da leitura e da meditação do evangelho. Uma compreensão mais adequada dos sacramentos ajuda na recepção mais frutuosa da Eucaristia. A compreensão da maternidade divina de Maria e da sua voluntária associação com a obra redentora do seu Filho dá um caráter mais profundo e menos sentimental ao trato com ela etc.

### 5. *À serviço da evangelização*

Não é incomum ler textos sobre a importância da formação intelectual que tratam da sua utilidade apologética ou evangelizadora. Esse modo de colocar a questão é, sem dúvida, válido, mas parece pobre relegar seu papel a algo meramente funcional, com o risco de reduzi-la a uma cadeia de conhecimentos transmitidos de uma pessoa a outra, sem que ninguém pare para considerá-los.

Pelo contrário, uma formação vivida e integrada em primeira pessoa, rezada, faz esse risco desaparecer. Neste caso não se transmite conteúdo: transmite-se vida. A evangelização não se baseia então em uma transmissão de ideias e conhecimentos, mas em testemunhos que falam daquilo que enche de sen-

tido e de alegria a própria existência, algo que o Papa Francisco insiste com frequência<sup>28</sup>.

Além disso, uma sociedade secularizada como a nossa exige uma especial preparação dos cristãos que, do mesmo modo que os apóstolos, estão chamados a “dar as razões da sua esperança” (1Pd 3,15). Isto exige conhecer os principais campos onde a fé e a vida cristã estão especialmente sendo discutidos (a família, a educação, a vida) e ser capaz de defendê-los de uma maneira positiva e amável, adaptada à mentalidade do outro, rebatendo as ideias, mas respeitando as pessoas.

## 6. *A dimensão intelectual da formação sacerdotal*

Tudo que dissemos até agora é aplicável a todos os cristãos, independente do seu tipo de vida: homens e mulheres, jovens ou adultos, solteiros ou casados, leigos ou sacerdotes. O *primeiro mandamento* e o chamado à identificação com Cristo se dirige a todos.

A vocação sacerdotal acrescenta algumas características peculiares *quantitativas* e *qualitativas*.

Podemos sintetizar as primeiras dizendo que o sacerdote deve estar mais e melhor formado. A missão do presbítero — participação na missão do próprio Cristo<sup>29</sup> — consiste em levar a salvação de Deus a todos os homens. Para isso se exige uma preparação especial que o capacite a ensinar as verdades de Deus de uma maneira convincente, adaptada às peculiaridades do homem de hoje, capaz de resolver suas dúvidas e perplexidades<sup>30</sup>. Essa

---

28 Cf. entre outros, Francisco, exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013, n° 149-151.

29 Cf. Concílio Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 7 de dezembro de 1965, n° 2.

30 Cf. Congregação para o Clero, *O dom da vocação presbiteral*. Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis, 8 de dezembro de 2016, Libreria Editrice

formação equivale, de certo modo, a que se exige para o exercício de qualquer profissão. No entanto, todos os fiéis, também os leigos, participam pelo batismo na missão evangelizadora de Cristo<sup>31</sup> e, por outro lado, o sacerdote é muito mais do que um “profissional da evangelização”.

O principal efeito da ordenação é a participação na unção ou consagração de Cristo, que habilita o sacerdote para “atuar em nome de Cristo Cabeça”<sup>32</sup> na tripla função de ensinar, santificar e reger aos fiéis. É precisamente essa participação que determina uma mudança *qualitativa* no ministro ordenado, que configura sua participação na missão evangelizadora. Por isso, a *Ratio*, insistindo no caráter unitário da formação sacerdotal, recorda que “a formação intelectual é parte da formação integral do presbítero; aliás, está a serviço do seu ministério pastoral e incide também sobre a formação humana e espiritual, que daquela retiram um profícuo alimento”<sup>33</sup>. Trata-se não só de conhecer *quem é Deus* para dá-lo a conhecer aos demais, mas de aprofundar em *quem sou eu*, para realizar de maneira mais consciente e eficaz as tarefas próprias do meu ministério.

Esse enfoque pode evitar os dois extremos que tornariam a formação intelectual insuficiente: o *academicismo* e o *pastoralismo*. O primeiro tende a apresentar assuntos abstratos, sem repercussões na vida, no relacionamento com Deus e com os demais. Do ponto de vista prático, dá no mesmo ter ou não ter esses conhecimentos, precisamente porque não são mais do que conhecimentos que não se tornaram vida, incorporados através da reflexão e da oração. O *pastoralismo*, pelo contrário, consiste em olhar apenas para a ativi-

---

Vaticana, Cidade do Vaticano 2016, n° 116.

31 Cf. Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen gentium*, 21 de novembro de 1964, n° 30-38; idem, Decreto *Apostolicam actuositatem*, 8 de novembro de 1965.

32 Cf. idem, *Presbyterorum Ordinis*, n° 2.

33 Congregação para o Clero, *O dom da vocação presbiteral*, n° 117.



dade externa — falar, pregar, catequizar —, na qual falta um conteúdo capaz de saciar as necessidades existenciais — intelectuais e afetivas — dos seus destinatários. Como recorda a *Ratio*, “longe de ser relegada somente para o campo do conhecimento ou de ser entendida apenas como instrumento para receber mais informações sobre cada uma das diferentes disciplinas, a formação intelectual acompanha os presbíteros a fim de que os mesmos se disponham a escutar com profundidade a Palavra, mas também a própria comunidade eclesial, para assim aprenderem a perscrutar os sinais dos tempos”<sup>34</sup>.

### 7. *Apaixonar-se por Deus também com a cabeça*

“Amarás ao Senhor teu Deus [...] com toda a tua mente” (*Lc* 10,27). Creio que as seguintes palavras do Beato Álvaro del Portillo sintetizam a unidade entre inteligência, coração e evangelização que temos desenvolvido até agora: “Deus entrou no coração; apaixonemo-nos por Ele também com a cabeça. Só deste modo tomará plena posse de todo o nosso ser. Só assim vossa piedade se apoiará sobre cimento firmíssimo e no labor apostólico podereis responder a todo aquele que vos peça a razão da vossa esperança (cf. *1Pd* 3,15) com segurança e sem complexos, embora sempre com suavidade e respeito (cf. *ibid.* 3,16)”<sup>35</sup>.

Essa síntese evidencia que a necessidade de se formar não acaba nunca, porque nunca poderemos dizer que já amamos a Deus o suficiente (nem com o coração nem com a cabeça), nunca poderemos dizer que a nossa *forma mentis*, nosso modo de sentir e de pensar, estão completamente identificados com os de Nosso Senhor Jesus Cristo.

---

34 *Ibid.*

35 Beato Álvaro del Portillo, *Carta pastoral*, 19 de maio de 1992, nº 35.

## 8. O conteúdo do livro

Entre os dias três e sete de fevereiro de 2020 aconteceu, na Pontifícia Universidade da Santa Cruz (Roma), a VI Semana de Estudo para Formadores de Seminários, com o título “*Concedo-te um coração sábio e inteligente: A dimensão intelectual da formação dos candidatos ao sacerdócio*”. Quase uma centena de sacerdotes procedentes de 25 países se reuniram na Cidade Eterna para refletir e compartilhar experiências de diversos pontos de vista (teológico, filosófico, pastoral e pedagógico). Dentro da linha marcada pela Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, tentou-se dar um caráter interdisciplinar ao encontro “não só no sentido mais ‘fraco’, de simples multidisciplinariedade, como exposição que favorece uma melhor compreensão de um objeto de estudo, contemplando-o de diversos pontos de vista, mas também no seu sentido ‘forte’, de transdisciplinariedade, como a localização e maturação de todos os saberes no espaço da Luz e da Vida oferecido pela Sabedoria que brota da Revelação de Deus”<sup>36</sup>.

Desta forma, tanto nas conferências como no diálogo entre os participantes, surgiram ideias e colocações úteis para aprofundar na importância desse aspecto da formação, assim como para oferecê-la aos candidatos de um modo mais atrativo e eficaz.

O presente livro recolhe as conferências que foram ministradas naquela ocasião. A comunidade dos formadores e professores encontraram sugestões úteis para ajudar os candidatos a integrarem sua preparação intelectual com as outras dimensões (humana, espiritual e pastoral) em benefício da comunidade que lhes será confiada. Além disso, pensamos que a maior parte dessas sugestões também se aplicam a quem já recebeu a

---

36 Francisco, Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, 8 de dezembro de 2017, Proêmio, nº 4, c.

ordenação e a pessoas de qualquer idade e condição que quiserem melhorar sua vida cristã.

As conferências foram agrupadas em três partes que estruturam o livro.

### **a) Alcançar a maturidade humana e espiritual**

A primeira sessão procura mostrar a importância da dimensão intelectual na formação sacerdotal e facilitar a sua integração com as dimensões humana e espiritual, tanto do ponto de vista do conteúdo, quanto no modo de expô-la.

O livro começa com a reflexão de Miguel de Salis (professor de Ecclesologia na Pontifícia Universidade da Santa Cruz) sobre a dimensão intelectual da maturidade dos candidatos, que é entendida como sendo uma adequada integração entre *saber* e *sentir*. Como contribuição prática propõe aos formadores alguns itinerários para fomentar um sadio desenvolvimento humano e sobrenatural dos seminaristas.

Paul O’Callaghan (professor de Antropologia Teológica na Pontifícia Universidade da Santa Cruz) descreve os diferentes *aspectos* nos quais o formador pode se apoiar para promover o crescimento espiritual dos candidatos ao sacerdócio. Conclui que o mais importante é o intelecto — tanto do seminarista como do próprio formador — e propõe três meios concretos para aproveitá-lo: da parte do dirigido, o estudo da teologia e uma atitude de sinceridade e docilidade; por parte do formador, a experiência no trabalho de acompanhamento espiritual.

Por último, Mariano Fazio (Vice Grão Chanceler da Pontifícia Universidade da Santa Cruz) parte em sua exposição da conhecida frase de Jesus no evangelho de São João, “a verdade vos libertará” (Jo 8,32), para ilustrar a relação entre verdade e liberdade na tarefa de formação. Um estilo formativo que consegue colocar o candidato frente a frente com a verdade sobre si mesmo, sobre os demais e sobre o mundo lhe permite superar falsos

antagonismos e alcançar uma liberdade interior que o possibilita ser ele mesmo no seu caminho de configuração com Cristo.

### **b) Os conteúdos da formação**

Em sentido estrito, a formação intelectual compreende os estudos institucionais de filosofia e teologia que são abordados nesta parte. Mas, em um sentido mais amplo, também inclui o desenvolvimento de uma cultura geral (literária, histórica etc.) que pode ser fomentada no seminário. Esta sessão abordará como, do seminário, se pode ajudar no estudo (entendido como aprendizagem, assimilação e memorização) desse conteúdo e de alguns aspectos pedagógicos que convém levar em conta em qualquer tarefa educativa.

Essa sessão começa com o capítulo de Luis Romera (professor de Metafísica na Pontifícia Universidade da Santa Cruz). Partindo das etapas formativas propostas pela *Ratio*, considera o discipulado como um evento profundamente humano que pode ser entendido melhor a partir da base intelectual, antropológica e existencial que oferece a filosofia.

Philippe Curbelié (Chefe de secção para as Universidades da Congregação para a Educação Católica) ilustra sua exposição com uma imagem repetidamente apresentada pelo Papa Francisco: a do sacerdote que está diante da sua comunidade para guiá-la, no meio para alentá-la e sustentá-la e atrás para mantê-la unida. Põe essa tríplice posição do pastor em relação com o *tria munera* que está chamado a exercer à serviço da comunidade que lhe foi confiada e ilustra como os estudos teológicos são uma grande ajuda para exercer de maneira eficaz essa função.

Em seguida, Florian Erlenmeyer (professor de Teologia Fundamental e secretário de estudos no Seminário *Redemptoris Mater* de Berlim) apresenta as características fundamentais da cultura atual, cheia de desafios no que diz respeito à formação das gerações mais jovens. Baseando-se em uma narrativa que parte da

sua própria história, propõe algumas ideias que podem ajudar no trabalho do seminário.

Uma ampla experiência como bibliotecário e formador no Seminário Internacional *Sedes Sapientiae* permite a Vito Reale (professor de Patrologia na Pontifícia Universidade da Santa Cruz) apresentar o papel da equipe de formadores em geral, e de cada formador em particular, ao ajudar os candidatos a obterem um rendimento adequado do tempo dedicado ao estudo. Com esse objetivo, destaca que o seminário deve garantir um número adequado de horas e de instalações adequadas e que cada formador, sem sair do seu âmbito, pode ser de grande ajuda para os seminaristas enquanto estudantes.

Esta parte termina com Marisa Musaio (professora de Pedagogia Geral e Social na Universidade Católica do Sacro Cuore de Milão). Apresenta a educação como um trabalho que vai muito além da transmissão de dados do ponto de vista meramente externo (memorizar textos, conhecer técnicas, otimizar os resultados). Pelo contrário, trata-se de facilitar a interiorização de modo que o seminarista conclua seu período de formação inicial “equipado” com conteúdos teóricos e práticos que o ajudarão a enfrentar com êxito as diferentes situações que encontrará na sua vida como sacerdote.

### **c) Educar evangelizadores**

O livro conclui apontando o fim último de toda a tarefa formativa no seminário: formar pastores à medida do coração de Cristo. Uma sólida preparação intelectual será um sólido ponto de apoio para todo o seu trabalho evangelizador.

O papel fundamental dos professores, considerados como autênticos *mestres* dos candidatos, é posto em relevo por S. E. R. D. Stefano Manetti (Bispo de Montepulciano-Chiusi-Pienza e delegado da Conferência Episcopal Italiana para os Seminários). Na sua tarefa formativa, os docentes estão chamados a se

envolverem pessoalmente, com a sua inteligência e o seu coração, exercendo uma paternidade que, com frequência, os candidatos necessitam, vivendo seu trabalho como uma *kénosis* ao serviço dos seus alunos.

O livro termina com a contribuição de Lucio Adrián Ruiz (secretário do Dicastério para a Comunicação), que descreve os desafios para a transmissão da fé em uma cultura como a nossa, caracterizada pela onipresença da tecnologia. Põe em evidência que o mundo digital é, ao mesmo tempo, um espaço a partir do qual se pode evangelizar e um novo mundo ao qual se leva a mensagem de Cristo.



Esperamos que este livro sirva aos responsáveis pela formação nos seminários na tarefa de ajudar os candidatos a amarem a Deus com todo o coração e com toda a mente. Deste modo desenvolverão um coração “sábio e inteligente” que lhes permitirá levar adiante a tarefa de evangelizadores, como testemunhas de uma realidade vivida em primeira pessoa: a realidade de Deus que nos ama e nos convida a uma vida de comunhão com Ele.

Para concluir esta apresentação, gostaria de agradecer às pessoas que tornaram possível que o livro viesse à luz, especialmente aos demais membros do Comitê Diretivo do Centro de Formação Sacerdotal da Pontifícia Universidade da Santa Cruz, os professores Paul O’Callaghan, Manuel Belda e Miguel de Salis.